**Uma presença orientada: algumas
considerações sobre a prática em nossa
época¹.**

Andrea Vilanova

O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse 'amortecedor de preocupações', é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio²

Entre epígrafe e citação, as palavras de Freud nos mantêm despertos e advertidos, instruindo-nos quanto ao inexorável recurso aos amortecedores de preocupações como meios para responder frente ao impossível de suportar. No seguimento do texto, Freud explicitará as fontes desse mal-estar intrínseco à existência, especificando as forças incontrolláveis da natureza, o nosso corpo e as relações entre os humanos. Poderíamos nos interrogar mais profundamente acerca do mal-estar fundamental, sobre o qual tanto a filosofia como a psicanálise se debruçam, mas aqui nos deteremos na resposta à dor de existir que sempre esteve presente na experiência humana, o recurso às substâncias tóxicas, como Freud destaca.

A concepção de realidade psíquica formulada por Freud ao longo de sua obra, afirma que já não estamos no nível da natureza. O aparelho psíquico desenvolvido por ele constitui uma tentativa de representar a complexidade que marca o funcionamento de uma existência, subvertendo qualquer referência a instintos inatos de uma espécie ou

padrões predeterminados de comportamento. Se Freud descreve certas leis que regulam o funcionamento do aparelho não o faz sem incluir o que chamará de sintoma, ou seja, a resposta de cada um àquilo que se apresenta como impasses estruturais, conflitos intrínsecos a uma existência concebida em termos de um funcionamento psíquico apoiado numa realidade somática. Isto não sem fazer referência à posição de dependência a partir da qual entramos na vida. É necessário ler em Freud que cada sujeito encontra seu modo próprio de viver o tropeço, a inadequação estrutural imposta pela existência.

Nos termos de Lacan podemos circunscrever essas fontes da dor de existir, por um lado, a partir da leitura do mundo como universo de linguagem, a realidade linguística e as relações com o semelhante atravessadas por um mal-entendido fundamental; por outro, o corpo atravessado pelos efeitos de nossa condição de seres falantes que nos coloca às voltas com uma certa dificuldade para habitar este corpo, já que não somos um corpo, mas o temos, como dirá Lacan³.

Toda a formulação que dá suporte à elaboração freudiana do mal-estar está fundada na concepção de uma espécie de obstáculo intrínseco à própria regulação do aparelho em termos de homeostase. Mais além do princípio do prazer, da busca por um equilíbrio estático, Freud é impelido pela clínica a promover algumas torções e acrescentar novos elementos ao que formulara, até então, como regulação da satisfação. Tomar esta regulação fora dos parâmetros de uma tendência à homeostase coloca questões cruciais a Freud, a partir do que insiste como repetição.

Freud afirma que há uma tendência de funcionamento do aparelho psíquico orientado pelo princípio do prazer, mas algo resta como impossível⁴ de ser absorvido pela operação simbólica de metaforização. A regulação da satisfação compreende um avesso da própria satisfação. Por um lado, em

Freud, a regulação instaurada pelo Édipo confere à neurose o lugar de parâmetro para pensarmos o funcionamento psíquico, tendo a significação fálica como suporte à concepção de um arranjo no qual o sujeito vai além do narcisismo, faz laço, realizando a eleição de um objeto de amor para além de sua própria imagem. Por outro, nem toda a libido entra neste circuito de investimento que conduz ao outro. Se a problemática do objeto em Freud se desenha sobre a matriz de uma perda fundamental, uma interdição originária que promoverá a regulação dos investimentos libidinais, ela também nos informa sobre um *quantum* de libido que permanece desligada de qualquer endereçamento.

O recurso às substâncias intoxicantes como atenuantes ocupa um papel especial nessa peculiar regulação. Como vimos, nas palavras de Freud, ao fugir às pressões da realidade pode-se encontrar num mundo próprio. Estamos às voltas com o superdimensionamento de uma condição intrínseca à própria realidade psíquica que se estrutura no jogo entre presenças e ausências, sem se sustentar na intersubjetividade. Não há relação direta entre os parceiros, e a dimensão narcísica testemunha isso. Lacan problematiza a questão afirmando que "o problema é de como é que pode haver um amor por um outro"⁵.

A significação fálica não diz tudo

Lacan recolherá em Freud o que vai se depositando como impasses à significação fálica, pelas questões referentes à especificidade da feminilidade que problematiza o Édipo e segue em Freud mantendo uma questão em aberto: o que quer uma mulher?⁶. Além disso, avançará frente aos obstáculos à leitura da clínica quando nos orientamos pelo paradigma fálico, quer seja pelo que as psicoses nos apresentam, quer seja pelo que na neurose não cabe no enquadre da fantasia. A lógica fálica orienta uma leitura em torno dos limites, permitindo verificar o que se ordena no campo da satisfação

pela perspectiva da castração, mas não permite ler o que, mesmo na clínica da neurose, se apresenta como excesso e não como falta. É nesta encruzilhada que seguiremos, situando ainda alguns pontos antes de tentar avançar.

O que Lacan extrai de Freud o conduz a formulações que nos apresentam a dinâmica da satisfação fundada nos termos da lógica significante, dos efeitos da linguagem sobre o vivente, mas não se detém aí. Para Lacan a estrutura da linguagem não responde por todas as consequências do fato de sermos seres falantes. Avançará, portanto, desenvolvendo a perspectiva de que o que se passa entre língua e corpo é mais da ordem de um choque, de um traumatismo fundamental. E nesta perspectiva a ideia de um tratamento pela via da significantização do gozo, pela via da metaforização, coloca-se em cheque. Não basta pensarmos a direção do tratamento nos termos de uma suposta potência do significante que domesticaria a satisfação, equacionando seus paradoxos.

À medida que Lacan vai desmontando a hierarquia entre os registros real, simbólico e imaginário, ele nos coloca novas questões quanto à direção do tratamento. Porém, já encontramos, desde sua formulação do objeto pequeno *a*, efeitos de uma elaboração que nos introduz na perspectiva do além da castração, da falta e do desejo. Assim, os Seminários 10 e 11 testemunham a introdução deste operador que não pode ser enquadrado nem por um dos registros isoladamente, nem mesmo ser abordado apenas como elemento do corpo, ou, ainda, como sinônimo do objeto perdido, em Freud. Não há analogia que dê conta do objeto *a*. É uma façanha de Lacan conseguir introduzir um operador que, ao encarnar uma positividade da satisfação, nos convida ainda a lidar com uma invenção que formula algo em torno do irrepresentável.

Por um lado, a lógica fálica, desde Freud, designa o desejo como o inarticulável que toda demanda comporta. Por

outro, Lacan promoverá este correlato positivado frente à fenda do desejo, o objeto *a*, que indica que há satisfação. E, indo mais longe ainda, Lacan alojará a satisfação na própria linguagem, que perde o enfoque de estrutura ao desvanecer-se a ordem simbólica, infiltrando a própria fala de satisfação, fazendo desconsistir o Outro da linguagem, para dar lugar ao Outro sexuado. Mas do que se trata?

Da lógica significante com seu efeito sujeito, efeito de furo, efeito de discurso, à subjetivação da experiência da língua no corpo em termos de gozo, entra em cena uma outra satisfação que Lacan decantará a partir do que elabora nos termos da posição feminina, que nos conduzirá a uma outra via de abordagem do gozo. Não mais o gozo apenas acessível através de uma recuperação de gozo, através do mais-de-gozar, mas o gozo que se obtém além dos limites do falo. Lacan aponta que o que se passa fora da significação fálica e que a posição feminina dá testemunho, é que estamos não de todo assujeitados à ordem simbólica. Como decantado em prosa e verso, mulher é um significante, “o único que não pode significar nada”⁷. É a indeterminação que está em jogo, grafada como $S(\mathbb{A})$, significante do Outro barrado, como escreve Lacan.

A abertura de perspectiva introduzida pelo que se coloca em jogo a partir da posição feminina promove, ao meu ver⁸, ao menos duas vias de abordagem. Uma estaria vinculada às consequências teóricas que se apresentam em termos de reversão conceitual quanto ao estatuto do Outro. Trata-se de pensar o que se conecta com a problematização da alteridade do Outro da linguagem, exigindo uma torção a fim de nos interrogarmos quanto aos efeitos da concepção do Outro sexuado para o manejo do tratamento. Outra via seria interrogar o manejo do gozo a partir do que se passa entre o limite oferecido pela lógica fálica e o ilimitado a que se abre a satisfação, a partir da concepção da satisfação ao nível da língua que se fala. Penso que, aqui, para

prosseguir, é preciso retomar o que Lacan desenvolve acerca da temática do amor a partir do que a posição feminina ensina, como questão suplementar às duas proposições anteriores.

En corps

Com os desdobramentos da elaboração que vai se processando na esteira da queda dos ideais, da inconsistência do Outro simbólico, da falência do Pai, Lacan nos leva a constatar que a regulação em termos de desejo não pode responder pelo que é excesso. Como vimos, a introdução do objeto *a* se assenta na perspectiva de que se, por um lado, temos a positivação do gozo ancorada no objeto, por outro, este objeto constitui, de fato, uma função, não é um objeto entre os outros, mas uma função na qual os objetos podem se encarnar, inclusive os objetos do corpo.

Com a introdução de uma outra satisfação, para além do falo, Lacan nos permite abordar a dimensão do laço possível, distinguindo o gozo fálico, "o obstáculo pelo qual o homem não chega, eu diria, a gozar do corpo da mulher, precisamente porque o de que ele goza é do gozo do órgão"⁹, do gozo feminino que, fora da medida fálica, não pode se dizer. Estamos, portanto, às voltas com o gozo fálico que "enquanto sexual, é fálico, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal"¹⁰ e o gozo feminino, "suplementar"¹¹, que encontra seu esteio no Outro, mas um Outro tomado a partir de sua inconsistência. Trata-se de uma bipartição que não faz par e que tematiza no ensino de Lacan o impossível da relação.

O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse uma a uma¹².

A diferenciação entre os gozos que Lacan nos apresenta em seu Seminário situa dois planos distintos de aparelhamento do gozo, o masculino, pela via do objeto e o feminino, enganchado no Outro, independente da relação com um objeto especial. O gozo feminino resiste a ser enunciável pelo significante, mas é com a palavra que algo pode ser dito em torno disso que se vivencia. E, curiosamente, é exatamente pela falta inscrita no Outro, pelo que se descompleta ao nível significante que Lacan nos dá a pista da satisfação encontrada na palavra de amor, do lado feminino. E é nesta perspectiva que Lacan formulará uma nova função para o amor, não mais o amor narcísico, nem o amor concebido a partir do dom da falta, nem o amor que permitiria ao gozo condescender ao desejo, mas o amor pensado em sua articulação com o gozo, o amor fazendo suplência à relação que não há.

Esta revalorização do amor em Lacan, como destaca Miller¹³, apoia-se num redimensionamento do estatuto do Outro: "O Outro, na minha linguagem, só pode ser, portanto, o Outro sexo"¹⁴. Aqui, Lacan está às voltas com o corpo vivo, o corpo sexuado. Trata-se de uma reviravolta na concepção do Outro que, a partir de então, não pode mais ser tomado como esvaziado de gozo. Trata-se aqui de uma complexa alteridade atrelada ao ser encarnado num corpo que goza, um corpo feito para gozar.

Com Lacan, portanto, não é sem consequências o modo como nos colocamos na partilha dos sexos. Estamos, neste aspecto, às voltas com o que se coloca para além dos efeitos de mortificação da linguagem sobre o vivente. As posições masculina e feminina indicam modos de vivificação do corpo, para além do destino anatômico. Localizar qual é o modo pelo qual podemos, um a um, habitar um corpo, servindo-nos do modo de satisfação a que este corpo dá suporte, constitui uma tarefa que nos colocará

inexoravelmente às voltas com o corpo do Outro, o corpo do semelhante, que em nada nos assemelha, e com o corpo próprio como Outro, como alteridade.

Lacan vai situar o amor, afirma Miller, "como o que permitiria essa mônada de gozo ser veiculada na dialética do desejo"¹⁵. E destaca, ainda, como Lacan faz desaparecer o Outro para, depois, a partir da sexualidade feminina, propor uma relação especial com o Outro. É no plano do amor, a partir da especificidade da posição feminina, no gozo não limitado pelo falo, que encontramos indicações que nos instigam a produzir novas interrogações quanto ao modo de fazer laço na clínica. A revalorização do amor, a partir do nexos entre amor e gozo que Lacan depreende da posição feminina é que nos indica uma direção a ser esclarecida.

A presença do analista, tal como Lacan¹⁶ nos indica, constitui um operador fundamental para o tratamento e encontra, desde sua proposição do desejo do analista¹⁷ como uma função fundamental para a operação analítica. Trata-se, nesta perspectiva, de tomarmos essa função nos termos do desejo como causa, apoiado da castração como mola propulsora do tratamento. A presença do analista em corpo, parafraseando o título do Seminário, livro 20, *Encore*, que em francês faz homofonia com *en corps*, parece promover um forçamento, indicando que estamos às voltas com um arranjo que não se desenha sob coordenadas simbólicas estritas. Como pensar essa dimensão do significante do Outro barrado - S(A) - em articulação com a vivificação de um corpo que se faz alteridade para o próprio vivente? Como pensar o fazer-se causa a partir de nossa posição analisante, que implica um consentimento com a castração, articulada a uma posição de gozo encarnada?

A tática que ainda vigora

Se algo no amor permite, mesmo em tempos de elisão do desejo, que alguma demanda possa emergir, como interrogar

as novas relações entre desejo e gozo? Se o suposto enigma do desejo Outro não mobiliza tanto mais o saber, isto não impede que a raiz libidinal da transferência tenha lugar. Como afirma Miller, a demanda de amor na clínica está presente com "sua insistência inquebrantável"¹⁸.

É a demanda como demanda de amor, mas o amor entendido como suplência, que pode encontrar no analista um parceiro advertido do impossível da relação, do impossível de fazer o bem, do impossível de curar. Oferecer nossa presença orientada pela ética da psicanálise e advertidos dos efeitos incalculáveis que esta pode produzir, é a tática que ainda vigora. Se, quanto às estratégias, estamos às voltas com a necessidade de novas invenções, seguindo a exortação de Lacan¹⁹ ao afirmar que o psicanalista deve estar à altura de seu tempo, quanto à tática da transferência parece que precisamos tirar mais consequências do que se trata, quando se trata de tomarmos o valor da presença que oferecemos.

A partir de minha experiência na clínica do uso abusivo de substâncias, lida a partir da dimensão do gozo sem limites, onde o refúgio em um mundo próprio reitera a solidão do gozo, penso que cabe, ainda, fazer valer o que Lacan²⁰ define em termos de *ingnorantia douda*.

Estou no mar, capitão de um pequeno navio. Vejo coisas que na noite se agitam, de uma forma que me leva a pensar que possivelmente se trata de um sinal. Como vou reagir? Se não sou ainda um ser humano, reajo por todas as espécies de manifestações, como se diz, modeladas, motoras e emocionais, satisfaço as descrições dos psicólogos, compreendo alguma coisa, enfim, faço tudo que eu lhes digo que é preciso saber não fazer. Se, em contrapartida, sou um ser humano, inscrevo em meu quadro de bordo - Na hora tal, em tal grau de latitude e de longitude, percebemos isto e aquilo. É isso que é fundamental. Coloco minha responsabilidade ao abrigo. A distinção do significante está aí. Escrituro o sinal como tal. É o certificado de recepção que é o essencial da comunicação enquanto tal, não significativa, mas significante²¹.

Lacan nos adverte que acusar recebimento oferece o estatuto significante aos sinais isolados, sem nenhuma conexão necessária entre si. Se somos humanos, estamos às voltas com o significante, mesmo que não haja palavra e que a enunciação seja precária ou ausente. Nossa presença vale, portanto, pelo que podemos receber dos sinais que nos chegam e disso fazer valer uma presença que, ao acusar recebimento desses sinais, confere a esta presença uma densidade que não se limita a um corpo entre outros. Esta presença advertida engendra a possibilidade de abertura a um trabalho, se com isto aquele que está diante nós consentir.

Uma presença orientada pode produzir algo novo, uma abertura a uma alteridade, pelo amor, aí onde os circuitos de satisfação reiteram mais do mesmo. Acusar recebimento é o ato que abre para a possibilidade de constituir-se um endereçamento *a posteriori*. A suposição está, portanto do nosso lado, quando recolhemos sinais, ruídos, fazendo dos signos índices da presença de alguém diante de nós. As manifestações nas quais verificamos a contundência da inconsistência do Outro simbólico e nos deparamos com o deserto quase inabitado em que aquele que consome é consumido, desvelam o impossível da relação. Se o impossível da relação se impõe, se não há complementariedade entre os parceiros, resta-nos inventar o laço, forjando artifícios com os materiais existentes e nisso nossa presença encontra seu valor.

¹ Este trabalho resulta de um convite a falar sobre o tema do gozo feminino e a experiência do sem limite na clínica do uso abusivo de álcool e outras drogas. O texto é fruto de elaborações que venho recolhendo com a prática entre vários que vem orientando o trabalho de construção coletiva, um a um, do Seminário de Orientação Lacaniana na EBP-Rio, ao longo de 2016, sob coordenação de Heloisa Caldas, em torno do curso de Miller, *O parceiro-sintoma*. Estas elaborações vêm promovendo ressonâncias frente às inquietações produzidas, a partir da

prática entre vários no CAPS AD III Paulo da Portela, onde, como supervisora, posso aprender a partir das invenções que cada participante da equipe testemunha.

² FREUD, S. (1976/1930[1929]). "O mal-estar na civilização". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Edições.

³ LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

⁴ FREUD, S. (1996[1920]). "Além do princípio do prazer". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Op. cit.

⁵ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 65.

⁶ Pergunta dirigida por Freud a Marie Bonaparte.

⁷ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Op. cit., p. 99.

⁸ Dentro da miopia que se produz a partir do tema que instiga esta elaboração.

⁹ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Op. cit., p. 15.

¹⁰ IDEM. Ibid., p. 17.

¹¹ IDEM. Ibid., p. 99.

¹² IDEM. Ibid., p. 19.

¹³ MILLER, J.-A. (2008[1997-1998]). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós.

¹⁴ IDEM. Ibid., p. 54.

¹⁵ IDEM. Ibid., p. 158.

¹⁶ LACAN, J. (1998[1964]) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁷ IDEM. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

¹⁸ MILLER, J.-A. (2008[1997-1998]). *El partenaire-síntoma*. Op. Cit. p. 160.

¹⁹ LACAN, J. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit.

²⁰ IDEM. (1985[1955-1956]). *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

²¹ IDEM. Ibid., p. 215.